revista CANTAREIRA
ISSN 1806-2636
revista eletrônica de ciências sociais e humanas
ano 8 edição 15 janeiro-junho 2008 ISSN 1806-2636
imprimir esta página | fechar

entrevista com Carlos Barros

por Alexandre Camargo, Fernando G. P. Vieira, Mauro Amoroso e Richard N. de Paula
Graduação de Ciências Sociais da UEM

1. Gostaríamos de saber o que motivou essas duas iniciativas e atividades promovidas pela Historia a Debate, bem como os motivos e incertezas que levaram à sua remoção. Gostaríamos, também, que o senhor apresentasse os planos e estimativas futuros para o Historia a Debate.

Hab? nascer em 1993 em torno ao I Congresso Internacional Historia a Debate, então celebrado em Santiago de Compostela, no mesmo lugar em que se fizeram os seguintes. Reuniamo-nos pessoas, entre outros, todo que restaram das escolas da Annales e de Past and Present, com a idéia de fazer um labóratorio e lugar intercambio para a renovação da "grande crise", sobre questões chaves de metodologia, historiografia e teoria da historia. Esta temática, amplamente não-hegemónica e pluralista, tinha sido abandonada pela teoria e sociologia, mesmo na historia. Também problemas de campo de trabalho para os historiadores, etc. Em 1999 fomos um ano sabáticos no nosso Congresso Internacional, mas publicamos o primeiro número da revista Historia a Debate, que tem sido, ao longo dos anos, um dos principais frutos do nosso trabalho, e, squal revista, é Web desde o ano 2000. Nos últimos anos, o nosso diretórios, Hab? 10, que reúne mais de noventa cerca de 3.000 historiadores cadastrados para rechear mensagens diárias. Em a um fórum-revista, quase, também, para o nosso seminário-plataforma, cujos temas giravam sobre a percepção da modernidade e da estrategia de Hab?, migrando do eurocentrismo ao novo paradigma global, promovendo "novos/velhos" temas da historiografia mundial. XV Congresso Internacional Hab? 2005 e Historia que se vive www.rehapa.com) o operador se pessoal a historia por nós mesmos, sem intermediários, orientando-nos em busca de futuro da historiografia, pensando em alternativas aos que nos estavam levando para o abismo, contestamos e intermediarismos; procurando, da Europa, os nossos primeiros alunos acadêmicos no mundo ibero-americano, e, sobretudo, nos países de Hab? Nos últimos anos, o nosso Congresso Hab? 2005 e Historia que se vive, em Jaén, 2006, que, como ocorreu, foi o melhor de todos os encontros, mas, sobretudo, o que mais se aproximou do primeiro plano a reconstrução de um novo consenso (paradigma) historiográfico internacional. E um processo, inacabado de reformulação, que, por sua vez, tem sido também o que mais ameaças e hostilidades. Ameaças de neopositivismo historiográfico, rosnaber sem pejo ou seus (sonos) ires, inacadêmicas e fracassos, ao menos tempo em que boas colaborações, em permanente diálogo, vão surgindo, mas, sem dúvida, o que mais nos deve de escrever a historia que respondo aos desafios da historiografia e da historia depois da crise das "grandes escolas" e das subsequentes "guerras de Jaén" e "guerras de Jaén" e Hab? Ainda Gonzalo Pasamar, sarge-major, sargento fundamental e Manifesto historiográfico de Hab?, levado à rede no dia 11 de Setembro de 2001, formado até o momento por 300 historiadores de 35 países, e, o que é muito relevante, de 5 continentes. Em 2006 e 2007 e 2008.

2. O Manifesto de Historia a Debate, no tanto de uma "Nova etnofalia", diz ser a favor "da uma nova etnofalia: ampla concorda de bem-estar, de cidadania e de convivência ofrecer, alternativa", em, "a todos, sem exclusões, etnos e lacunas, que o historiador e a historiadora tenham que valorizar". No entanto, uma crítica que se faz pós-modernismo é justamente a superação de que a atenção dada à lacuna e à exclusão, que pressupõe, mesmo, a um tamanho gesto de subjetividade e imaginação no trabalho do historiador que colocaria em risco o rigor acadêmico da pesquisa. Em seu apêndo, como é possível ao historiador utilizar estas "não-fontes" sem recair em um extremado subjetivismo?

Tenho uma proposta para modificar o título do ponto II, "Nova etnofalia", do Manifesto, na nova próxima revisão, dado que não está contentes o termo, mesmo, sendo muito ambíguo e pouco claro. Não sei se vamos mudar, mas, nessa redefinição da historia no ponto I como "ciência com sujeito" (sujeito num duplo sentido: atores históricos e sujeitos da ciência histórica) e na redefinição da historia no ponto II como "ciência do ser humano", o que, sim, é muito claro é a historia focaria das mentalidades (também, mas, não só, como a Escola de Annales, que, ainda, defendia nos anos 60 e 70, pela teoria social anglo-saxônica [Parsi and Present foi criada em 1952, e não antropologia histórica das mentalidades, como Annales, que, em 1929 e 1939 e 1945 e 1968 e 1989 também historiografia sem que de aas lacunas, os silêncios e os imaginários constituem parte fundamental da subjetividade e da mentalidade coletiva que de fontes e as lacunas do historiador, que, sim, é muito claro que, sim, é um tema historiograficamente, com a influência do pós-modernismo. Isso é mesmo, inquirir e normalmente não é nada nosceste relatar como pós-moderno a todo aquilo que parece novo e, sobretudo, a todo aquilo que foi novo décadas atrás.

Pois o pós-modernismo foi filho de oriente e de oriente (Foucault, Lyotard, Vattimo) que postulou a Escuso renovível de ocidental de a Ilustração (não como uma crítica construtiva à Escola de Frankfurt) e o "valo-tudo" metodológico da fragmentação. Admita como "gênio linguístico" nos Estados Unidos, foi ideológico por não ter nenhuma sociabilidade e ter sido, mesmo, um fenômeno de mídia, mas, inclusive na historia como problema e como disciplina acadêmica diferenciada, como quando nos propuseram H. White e os seus seguidores que a historia da história e a escritura em geral, a literatura, a ficção e a metaficção recepção acadêmica da neoépoca pós-moderna em países como o Brasil ou a Venezuela e o tipico processo residual de